



SUICÍDIOS: UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DOS CASOS EM CURITIBA (PR) ENTRE 2020 e 2023

Suicides: a quantitative analysis of cases in Curitiba (PR) between 2020 and 2023

Vyctor Hugo Guaita Grotti¹
Eros do Rocio Pereira dos Santos²
Nei Marques Bonfim Júnior³

RESUMO

O suicídio é um fenômeno que afeta quase um milhão de pessoas no mundo. O Brasil se encontra entre os países com os maiores índices de suicídio, observando-se uma crescente nos últimos dez anos. O presente estudo, de caráter quantitativo, foca nos 678 casos de suicídios na cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná, entre os anos de 2020 e 2023. Para tanto, serão levados em consideração os aspectos geográficos da cidade, individuais (sexo, orientação sexual, faixa etária, raça ou cor, profissão, escolaridade e estado civil) e os meios empregados, analisados todos com base nos Boletins de Ocorrência registrados. Com isso, buscamos compreender as especificidades do suicídio na cidade de Curitiba.

Palavras-chave: Suicídio. Brasil. Paraná. Curitiba. Análise quantitativa.

ABSTRACT

Suicide is a phenomenon that affects almost one million people worldwide. Brazil is among the countries with the highest suicide rates, with an increase in the last ten years. The present study, of a quantitative nature, focuses on the 678 cases of suicides in the city of Curitiba, capital of the State of Parana, between the years 2020 and 2023. To this end, the city's individual geographic aspects (gender, sexual orientation, age group, race or color, profession, education and marital status) and the means used, all analyzed based on the recorded Police Reports. With this, we seek to understand the specificities of suicide in the city of Curitiba.

Keywords: Suicide. Brazil. Parana. Curitiba. Quantitative analysis.

1. INTRODUÇÃO

O suicídio, entendido como o ato de alguém que busca terminar com a própria vida, é um dos fenômenos de grande interesse em todas as áreas do conhecimento dada a sua multifatorialidade. Além de ser um fenômeno complexo, com múltiplas causas (como sociais, psicológicas, dentre outras), a quantidade de suicídios por ano é algo que chama atenção da

1 Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Sociologia pela UFPR. Especialista em Direito Penal e Criminologia pelo Instituto de Criminologia e Política Criminal (ICPC). Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo. Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Capitalismo e Contestação Social (NECCSO/UFPR). Delegado de Polícia. Professor da Escola Superior da Polícia Civil do Estado do Paraná. E-mail: vgrotti@hotmail.com.

2 Especialista em Estatística pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica do Paraná. Agente de Polícia Judiciária. E-mail: erosrocio@pc.pr.gov.br.

3 Bacharelado em Direito pelo Centro Universitário UniDomBosco. Assistente Administrativo da Polícia Civil do Paraná. E-mail: nejunior1036@gmail.com.

pessoa mais incauta.

Somente no ano de 2019, cerca de 700.000 pessoas se suicidaram no mundo, com um índice relativo de 9 pessoas por 100.000 habitantes, representando aproximadamente 1,3% de todas as mortes no globo terrestre (WHO, 2021). Contudo, esses suicídios não são distribuídos de forma igualitária e proporcional para cada país: enquanto se observa até mesmo uma redução na taxa de suicídio mundial, na América nota-se um aumento (Ministério da Saúde, 2022).

No Brasil, o cenário também chama atenção. No ano de 1989, registrou-se o suicídio de 4.491 pessoas. Cerca de 33 anos depois, esse número quase quadruplicou, atingindo 16.462 pessoas que ceifaram a própria vida em 2022. Em termos relativos, no ano de 1989, constatou-se 3,16 pessoas que se suicidaram por 100.000 habitantes, ao passo em que em 2022, esse número passou para 7,69. O gráfico abaixo demonstra como vem aumentando, a cada ano que passa, a quantidade de pessoas que morrem em razão de suicídio:

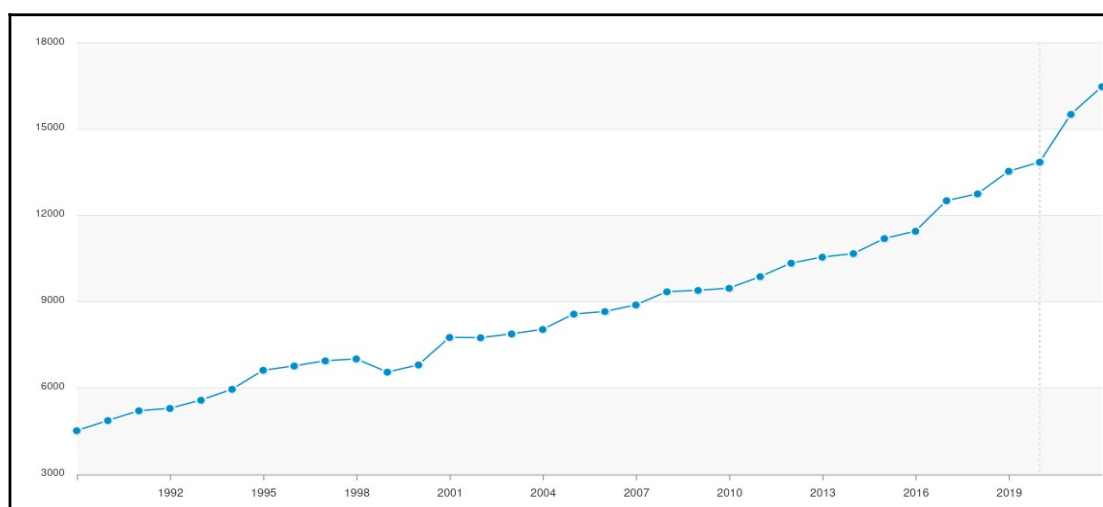


Imagem 1. Suicídios no Brasil (1989-2022)

Fonte: IPEA, 2024.

No Estado do Paraná, como veremos adiante, observamos a mesma progressão. Focaremos na capital do Paraná, Curitiba, onde possui uma peculiaridade de, no ano de 2023, o número de suicídios (209) ter superado o número de homicídios (198). Assim, com a devida autorização, após analisarmos 678 Boletins de Ocorrência relativos a suicídios, compilaremos essas informações levando em consideração: (i) os bairros de Curitiba com maior incidência de suicídios; (ii) grau de escolaridade; (iii) faixa etária; (iv) profissão; (v) sexo e orientação



sexual; (vi) raça ou cor da pele; (vii) estado civil; e (viii) meios empregados para o ato.

Não avançamos no estudo dos motivos porque isso demandaria uma análise mais minuciosa não só dos Boletins de Ocorrência, mas do próprio Inquérito Policial instaurado para apurar o fato. Essa análise, que poderia trazer uma abordagem tanto quantitativa como qualitativa e certamente acrescentaria para uma melhor compreensão das circunstâncias e motivação dos suicídios, mas ficará o seu estudo para outro momento. Algo que dificulta essa análise, a partir dos Boletins de Ocorrência, é a precariedade das informações iniciais a respeito do fato, isto é, como o Boletim de Ocorrência é o primeiro registro dos fatos, com as informações disponíveis, não há segurança quanto à verdadeira motivação apresentada nessa fase. Exemplificamos. Nos Boletins de Ocorrência, percebemos as descrições apresentadas como depressão, ser a pessoa usuária de drogas ou mesmo a existência de doenças, como esquizofrenia. Apesar disso, pelas descrições encontradas, não há como estabelecer com segurança as motivações, motivo pelo qual se optou em não realizar essa análise.

Importante ressaltar que não será exposto nenhum dado a respeito das vítimas, a fim de preservar a intimidade de cada uma. A nossa análise será eminentemente quantitativa, a partir da compilação de informações decorrentes do setor de estatística da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), informações essas que poderão contribuir não só para a compreensão acerca do suicídio de uma forma mais ampla, mas para questionar se o silêncio é a melhor postura ou se acaba por contribuir para a sua naturalização.

2. SUICÍDIOS EM CURITIBA/PR ENTRE 2020 E 2023

Segundo o IPEA (2024), o número de suicídios no Estado do Paraná vem aumentando a cada dia. No período entre 1989 e 2022, os casos dessa natureza saltaram de 432 para 1.188, apresentando um período de relativa estabilização entre 1996 a 2014, ano em que iniciou-se um aumento jamais visto nesse período.

Em 2014, o Paraná registrou 620 suicídios, subindo para 716 em 2015; 760 em 2016; 774 em 2017; 915 em 2018; 944 em 2019; 935 em 2020; 1.106 em 2021; e 1.188 em 2022. Não há informações a respeito do ano de 2023. Esse movimento ascendente visto nos últimos 10 anos traz grande semelhança ao visto no gráfico acima (Imagem 1).

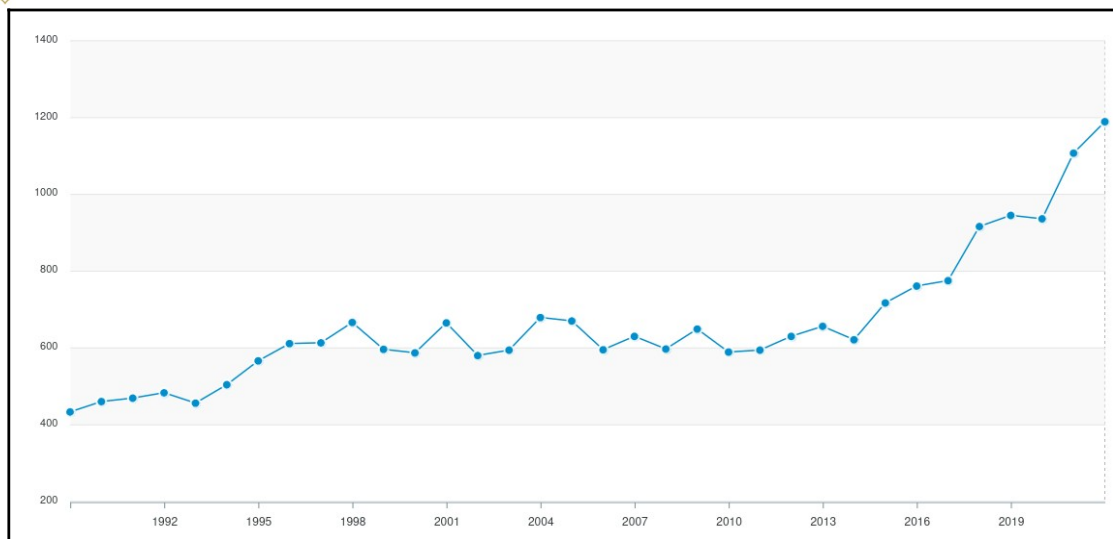


Imagem 2. Suicídios no Paraná (1989-2022)

Fonte: IPEA, 2024.

Poder-se-ia indagar que, a partir de 2019, a pandemia COVID-19 ocasionada pelo coronavírus Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-CoV-2) contribuiu para o aumento dos índices de suicídio, dado que foram adotadas medidas de isolamento social, causando maior distanciamento social e aumentando o sentimento de solidão, maximizando os transtornos de ansiedade e depressão. Além disso, a pandemia COVID-19 trouxe impactos econômicos e sociais, como perda de empregos, insegurança financeira, trazendo mais incertezas para o futuro de cada pessoa. Analisando os impactos da pandemia COVID-19 sobre o número de suicídios, Silva Neto *et al* (2023) enxergam uma possível relação entre o aumento dos suicídios com a pandemia COVID-19, ao passo que, em outro estudo, Soares *et al* notaram que “a pandemia de covid-19 pode não ter um impacto imediato ou de curto prazo nas taxas de suicídio e tentativas de suicídio; no entanto, é possível que promova uma confluência de fatores de risco para o suicídio (...)” (2022, p. 06).

Ao nosso ver, a busca de uma relação de causalidade entre a pandemia COVID-19 e o aumento no número de suicídios ainda demanda maiores cuidados e estudo, pois, além de ser um fenômeno multifatorial, desde 2014 já observamos uma tendência crescente dos suicídios. Apesar disso, não se descarta que as consequências da pandemia COVID-19 citadas podem, sim, contribuir para tanto.

No período que percebemos o gráfico ascendente a partir do ano de 2014 (imagem 2), agora através da nossa base de dados e tendo como parâmetro somente a cidade de

Curitiba, notamos que o número de suicídios duplicou nos últimos 10 anos, passando de 104 casos em 2014 para 209 em 2023, ano em que, pela primeira vez na história da cidade, as ocorrências de suicídio ultrapassaram o número de ocorrências de homicídios:

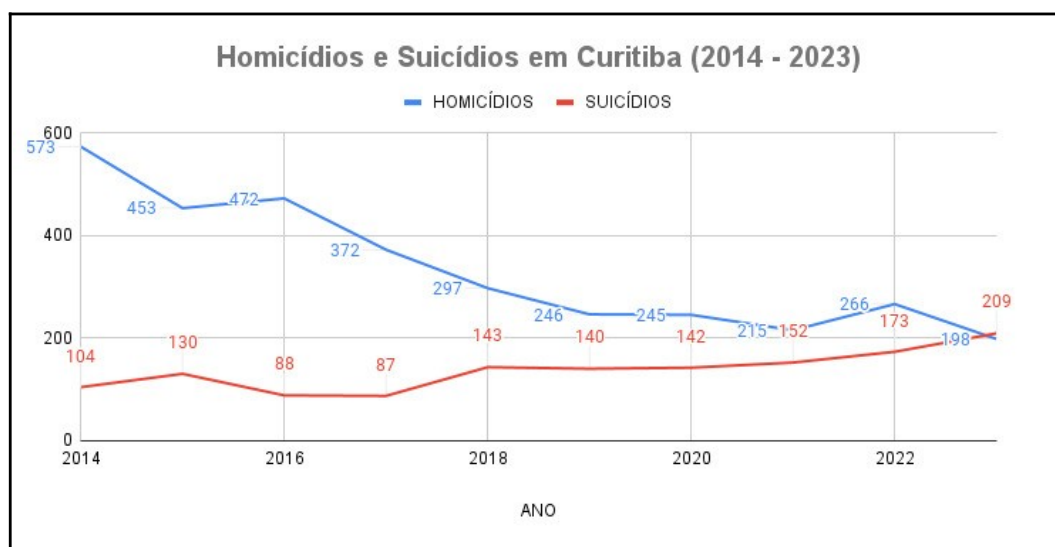


Imagem 3. Homicídios e suicídios em Curitiba (2014 - 2023)

Fonte: os autores, com base nos dados coletados.

Essa variação entre a quantidade de homicídios e suicídios no período sob análise poderia resultar em um estudo específico para indicar possíveis causas da diminuição dos homicídios e aumento dos suicídios, de modo que este acaba por superar aquele. Todavia, nossa tarefa a partir deste momento está em analisar, durante o período compreendido entre 2020 a 2023, as especificidades dos suicídios no que compete: (i) aos bairros de Curitiba com maior incidência; (ii) ao grau de escolaridade; (iii) à faixa etária; (iv) à profissão; (v) ao sexo e orientação sexual; (vi) à raça ou cor da pele; (vii) ao estado civil; e (viii) aos meios empregados para o ato.

Quanto aos bairros de Curitiba com maior incidência de suicídios, vejamos como se distribui ao longo do território da capital paranaense:

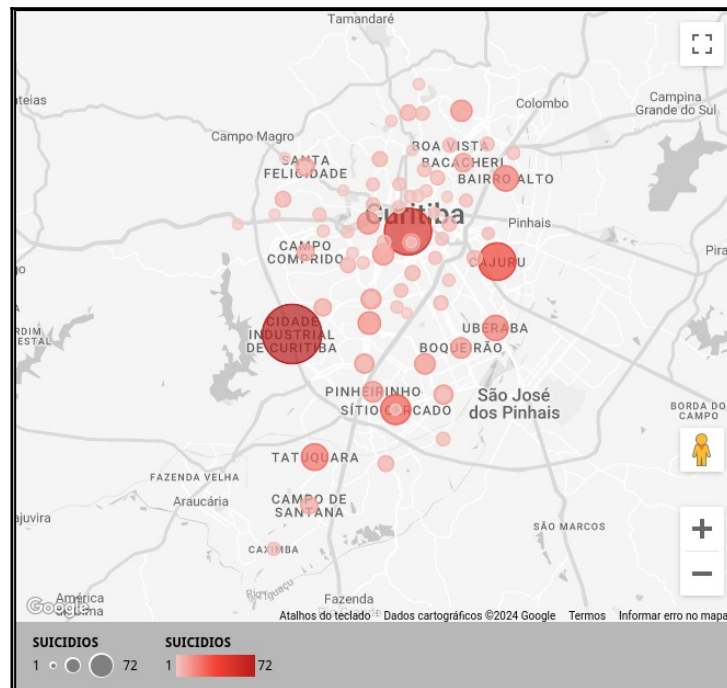


Imagem 4. Distribuição dos suicídios em Curitiba (2020 - 2023)

Fonte: os autores, com base nos dados coletados.

Nota-se que os bairros com maior incidência de suicídios são: Cidade Industrial de Curitiba (CIC), com 72 casos; Centro, com 54 casos; Cajuru, com 40 casos; Sítio Cercado, com 29 casos; e Tatuquara, com 24 casos. Somados, esses cinco bairros totalizam 219 pessoas que se suicidaram, representando 32,4% dos suicídios no período analisado (676).

O município de Curitiba possui 75 bairros e atualmente sua população ultrapassa 1,7 milhão. Os cinco bairros mais populosos da cidade são: 1º) CIC, com 172.669 habitantes; 2º) Sítio Cercado, com 115.525 habitantes; 3º) Cajuru, com 96.200 habitantes; 4º) Boqueirão, com 73.178 habitantes; e 5º) Uberaba, com 72.056 habitantes (IBGE, 2024). Percebe-se que quatro dos bairros com maior incidência de suicídios, em termos absolutos, correspondem aos mais populosos de Curitiba.

Em relação à faixa etária das vítimas, temos o seguinte gráfico:

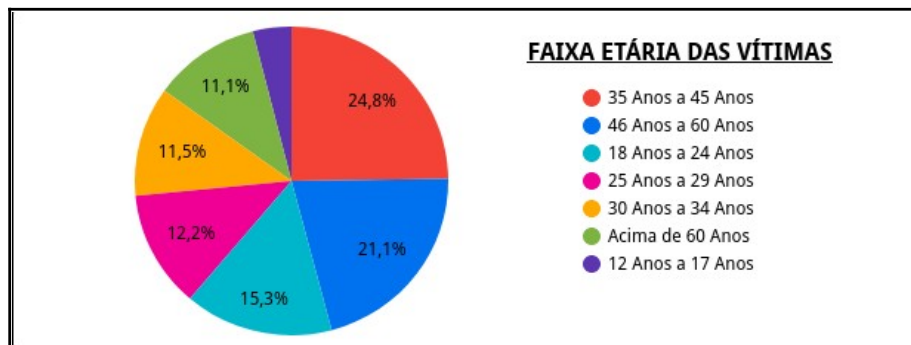


Imagem 5. Faixa etária

Fonte: os autores, com base nos dados coletados.

Em relação à faixa etária, à contramão da teoria durkheimiana que estabelece uma relação entre o aumento da idade e a taxa de suicídio (Durkheim, 2003), percebe-se que o grupo de pessoas com 60 anos ou mais que cometem suicídio corresponde a 11,1% dos casos envolvendo suicídios. As faixas etárias que compõem mais da metade dos casos de suicídios estão entre 35 e 45 anos (com 24,8% dos casos), 46 a 60 anos (com 21,1% dos casos) e 25 a 29 anos (com 12,2%). Logo após, com 11,5% dos casos está a faixa de 30 a 34 anos.

Os adolescentes (faixa entre 12 a 17 anos) aparecem com 4% dos casos identificados. Em que pese essa faixa ser minoritária em relação às demais, isso não significa uma menor atenção a esse problema, que inclusive vem aumentando no Brasil na última década (FIOCRUZ, 2024). De acordo com Silva:

Impulsividade, isolamento social, insatisfação com imagem corporal, presença de transtornos mentais, jogos de asfixia, desentendimentos com colegas, *bullying*, influência das mídias digitais, ruptura de relacionamentos afetivos, mau desempenho escolar, estrutura e funcionamento familiar prejudicados e histórico familiar de depressão e suicídio são apontados como fatores de risco para o comportamento suicida na infância e na adolescência. Contudo, apesar de estes sinalizarem um ponto de alerta em relação à saúde mental dessa população, deve-se atentar para a natureza multifatorial deste evento, não incorrendo no equívoco de descortinarmos a questão buscando a atribuição de uma única causa a um fenômeno tão complexo (2019, p. 04).

Quanto ao sexo e orientação sexual, temos o seguinte gráfico:

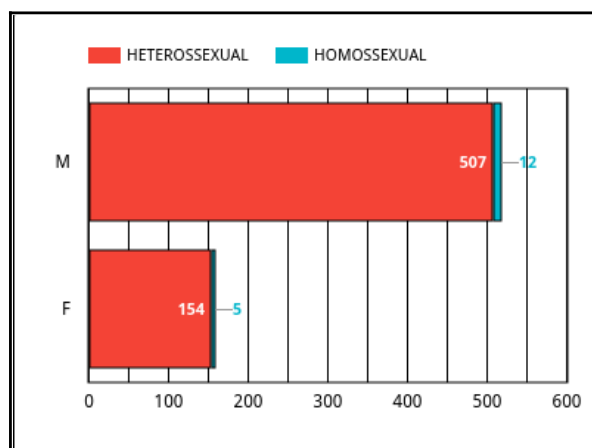


Imagem 6. Sexo e orientação sexual

Fonte: os autores, com base nos dados coletados.

No período analisado, dos 678 suicídios, 519 são do sexo masculino e 159 do sexo feminino, sendo que a orientação sexual analisada dos homens encontrou-se 12 pessoas homossexuais e 05 mulheres homossexuais. É importante ressaltar que essa informação é constante dos Boletins de Ocorrência e que pode haver divergência se compararmos às conclusões dos respectivos Inquéritos Policiais. Essa informação pode e deve ser aprimorada já no momento dos Boletins de Ocorrência, pois estudos indicam que as pessoas pertencentes ao grupo LGBTI+ são vulneráveis e apresentam um maior risco de comportamento suicida (Oliveira; Vedana, 2020).

Quanto à raça ou cor das vítimas, temos o seguinte gráfico:

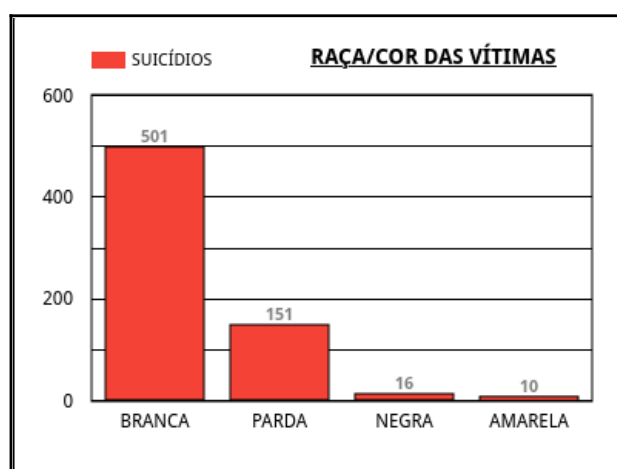


Imagem 7. Raça ou cor das vítimas

Fonte: os autores, com base nos dados coletados.

É importante destacar que, de acordo com o último censo em 2022, o Estado do Paraná tem uma população total de 11,44 milhões de pessoas, das quais 7,38 milhões se declaram brancas, 3,44 milhões se declaram pardas, 485 mil se declaram pretas, 100 mil se declaram amarelas e 28 mil se declaram indígenas (PARANÁ, 2023). Segundo o IBGE (2024), Curitiba tem 1.773.718 habitantes, com 1.320.252 pessoas se declarando branca e 71.948 se declarando preta, 23.635 se declarando amarela, 355.834 se declarando pardo e 1.976 se declarando indígena.

Quanto ao estado civil das vítimas, temos o seguinte gráfico:

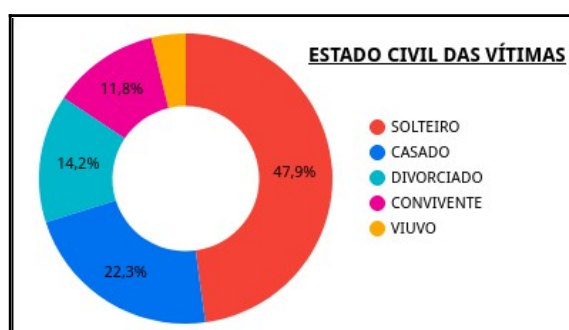


Imagem 8. Estado civil das vítimas
Fonte: os autores, com base nos dados coletados.

Pelo gráfico acima, percebe-se que as pessoas solteiras compõem quase metade dos casos de suicídio, apresentando um índice de 47,9% dos casos, enquanto as casadas representam 22,3%, seguidos das pessoas divorciadas (14,2%), em constância de união estável (11,8%) e, por último, pessoas viúvas (3,8%).

Quanto ao grau de escolaridade das vítimas, temos o seguinte gráfico:

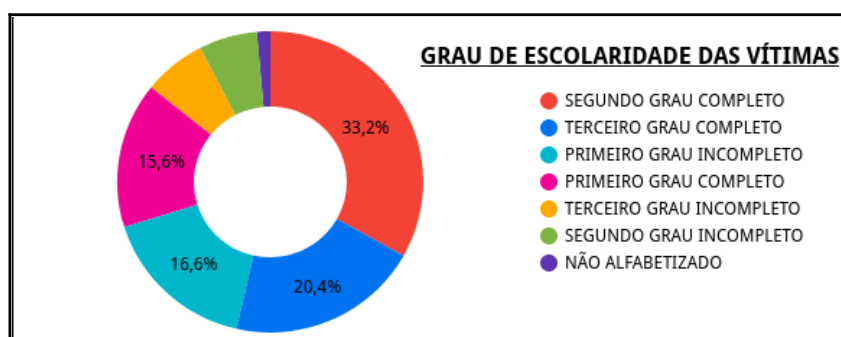


Imagem 9. Grau de escolaridade das vítimas
Fonte: os autores, com base nos dados coletados.

As pessoas com segundo e terceiro grau completos compõem mais da metade das pessoas que se suicidam, com 53,6% dos casos (33,2% segundo grau completo e 20,4% terceiro grau completo). Em seguida, com 16,6% são casos de vítimas com primeiro grau incompleto, seguido de primeiro grau completo (15,6%), terceiro grau completo (6,6%), segundo grau incompleto (6,2%) e não alfabetizados (1,4%).

Quanto às profissões verificadas, temos o seguinte gráfico:

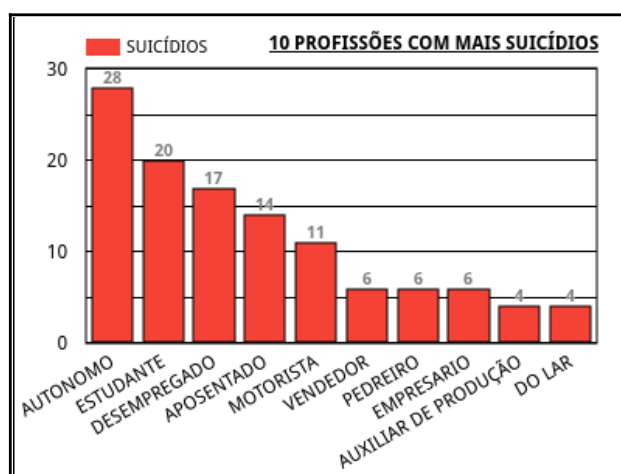


Imagem 10. Principais profissões das vítimas

Fonte: os autores, com base nos dados coletados

A relação entre suicídio e trabalho é tema de diversos estudos (Albuquerque, 2018; Venco e Barreto, 2010; Finazzi-Santos e Siqueira, 2011) e, assim como o próprio tema, é complexo e demanda uma análise de caso a caso. Todavia, como assinalam Soares e Schlindwein (2021), o tema é um tabu e vige um silêncio nas organizações e instituições a fim de compreender o trabalho como fator que leva alguém ao suicídio. A ligação entre um e outro não se resume ao vínculo imediato, isto é, o suicídio por causa do trabalho ou atividade desempenhada, mas também de forma mediata, relacionada ao próprio sentido que o trabalho tem para o trabalhador, o que é um problema cada vez mais recorrente. A divisão do trabalho e a separação do produto do trabalho daquele que o produziu contribui para esse quadro.

Soma-se a isso cargas excessivas de trabalho imposto ao trabalhador e esgotando as suas energias de forma antecipada, de forma a desconsiderar que o trabalho é um meio de vida, e não um fim em si mesmo – ainda mais em uma sociedade em que a maioria somente tem a oferecer a própria força de trabalho como forma de subsistência. Nesse sentido, a



tecnologia não trouxe qualquer alívio ao trabalhador, como costumeiramente se escuta, mas na intensificação do trabalho como bem narra Bernardo (2009) em *Trabalho duro, discurso flexível*, que mostra a realidade de duas fábricas automotoras em São Paulo. O controle do trabalho e do trabalhador é ainda mais intensificado, especialmente na própria execução do trabalho, que pressiona o empregado a produzir cada vez mais em menos tempo, em uma imposição do ritmo de trabalho que impede até mesmo o empregado ir ao banheiro. Soma-se a isso as constantes ameaças de demissão como forma de pressão à produção.

Ao mesmo tempo em que esses fatores intensificam a produção, também ocasiona diversos problemas de saúde e sofrimentos psíquicos dos operários. Isso fica evidente em uma fala de um operário entrevistado pela pesquisadora:

Tem um fato também que é do estresse. Eu chegava a sonhar à noite que eu tava montando carro. Sonhava! Tinha vez que eu ia dormir, eu sonhava que tava montando o carro. Quando eu acordava para ir trabalhar, parecia que eu não tinha dormido nada, entendeu? Parecia que eu tinha trabalhado. Saía cansado já! Psicologicamente, eu saía cansado pra trabalhar. (...) A gente fica muito estressado! Vai estressando, vai estressando e aí dá os problemas (Bernardo, 2009, p. 152).

Nos casos de suicídios analisados, a partir de declarações dos familiares das vítimas, encontramos diversas profissões que elas exerciam. Autônomos, estudantes, desempregados, aposentados e motoristas estão entre as cinco principais profissões das vítimas. É interessante notar a relação entre os autônomos, desempregados e estudantes, atividades essas relacionadas à incerteza que o trabalho pode proporcionar: os autônomos, até qual ponto sua autonomia poderá lhe gerar renda suficiente para continuar subsistindo; os estudantes, até qual ponto seu estudo lhe proporcionará condições para vender sua força de trabalho; os desempregados, com a incerteza de quando voltará a trabalhar e, com isso, prover a própria vida.

Em uma sociedade que a venda da força de trabalho é essencial para a subsistência, dado que é a única forma de ter condições de existir, considerá-la quando do estudo de suicídios é fundamental. O trabalho afeta, senão todos, mas quase todos os aspectos da nossa vida e, por isso, merece especial cuidado quando tratamos do tema suicídio.

Quanto aos meios empregados mais utilizados, temos o seguinte gráfico:

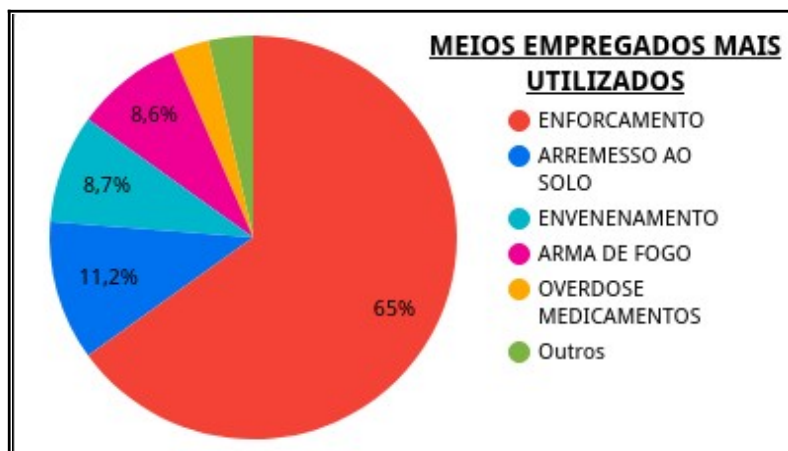


Imagem 11. Meios empregados mais utilizados

Fonte: os autores, com base nos dados coletados

O meio mais utilizado para tirar a própria vida é o enforcamento, que foi usado em 65% dos casos analisados. Em outros estudos (Nascimento *et al*, 2019; Botega, 2014), constatou-se que este também é um dos meios mais utilizados não só em outras localidades, mas no Brasil e em diversos países, como Inglaterra e Austrália. Como ressalta Botega (2014), os meios utilizados para o suicídio variam segundo a cultura e conforme o acesso que se tem ao meio. Nos Estados Unidos, por exemplo, a arma de fogo é o principal meio utilizado, ao passo que aqui ocupa 8,6% dos casos.

Arremessos ao solo foram constatados em 11,2% dos casos, seguido de envenenamento, com 8,7%. Após os suicídios por arma de fogo (8,6%), estão as overdoses por medicamentos (2,3%) e outros meios (5,3%).

3. CONCLUSÕES

Em que pese ser um artigo quantitativo que buscou demonstrar as especificidades geográficas, pessoais e de meio relacionadas ao suicídio em Curitiba/PR entre os anos de 2020 e 2023, os resultados estão em seu desenvolvimento com as respectivas discussões feitas, ainda que de forma breve em cada item proposto. Nessas palavras finais, permitir-nos-emos ir um pouco além da natureza meramente descritiva desse fenômeno e, como isso, possibilitar expor algumas inquietações que poderão ser objetos de estudo futuro.

Não é com insulto aos mortos que se enfrenta uma questão tão controversa, como escreveu Marx ao citar Peuchet na obra *Sobre o suicídio* (2006). Em uma frase simples como



esta se carrega um significado enorme. Nas representações cotidianas, a pessoa que tira a sua própria vida é vista como alguém fraco ou até mesmo covarde por não aguentar a sua própria vida. A sua sorte, ou melhor, azar é fruto da sua própria vontade. Com esse raciocínio, condena-se (mais uma vez) o sujeito, reconhecendo nele o possuidor de uma falha individual. Sua “fraqueza” seria, portanto, resultado de um problema individual.

Com isso, absolutiza-se e se desconsidera exatamente o que faz de um sujeito ser assim considerado: as suas relações sociais. Nestas, evidentemente há destaque para aquelas perceptíveis, como uma decepção amorosa, ser demitido de um emprego, estar mal de saúde (como depressão) ou mesmo ser usuário de drogas. Dessas causas aparentes surgem os matemáticos e, com a facilidade que têm com a matéria, buscam negar aquilo que supostamente negaria a vida e, com isso, o resultado seria políticas públicas específicas com eficácia questionável. Ora, pensa o matemático, se a pessoa está com depressão, dê-lhe antidepressivos; se está sem emprego, que busque um novo emprego; se acabou o relacionamento, que encontre outro. Políticas públicas que trabalham com as aparências tendem a virarem mercadorias de uma grande indústria chamada suicídio.

Dessas causas aparentes só vemos, de fato, a ponta do iceberg, que traz submersa a imensidão do seu problema dada a sua complexidade. Para tanto, a compreensão do suicídio perpassa, necessariamente, pela compreensão da sociedade. Não é qualquer sociedade, mas a nossa, a atual, a moderna. Poderíamos ter iniciado este estudo falando dos suicídios na Grécia, em Roma ou em qualquer outro período da história, mas o que isso acrescentaria senão em contribuir para a naturalização do suicídio? Ora, se o ser humano sempre se matou em qualquer tipo de sociedade, não interessaria para nós compreendê-la através de uma perspectiva histórica e concreta, mas entendê-la como algo que faz parte de toda e qualquer sociedade e, a partir desse raciocínio, não restaria outra alternativa senão trabalharmos nas suas causas aparentes e “endorfinarmos” todos que aqui vivem.

Pela primeira vez na história de Curitiba, a quantidade de pessoas que tiraram a própria vida ultrapassou aquelas que mataram o próximo. Isso nos traz um alerta de que a conflituosidade não está apenas em uma relação interpessoal concreta, mas também no produto de “n” relações sociais concretizadas no próprio ser humano. Discussões sobre o suicídio não podem mais serem postas para debaixo do tapete, pois o suicídio tem mais a dizer sobre a nossa sociedade do que sobre o próprio suicida.



Referências

ALBUQUERQUE, Walter Araújo de. **A relação do suicídio com o trabalho na sociedade capitalista**. 145f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Alagoas. UFAL, Maceió, 2018.

BERNARDO, Marcia Hespanhol. **Trabalho duro, discurso flexível: uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência de trabalhadores**. São Paulo: Expressão Popular, 2009

BOTEGA, Neury José. **Comportamento suicida: epidemiologia**. Revista de Psicologia da Universidade de São Paulo. Vol. 25, n. 3, p. 231-236, 2014, São Paulo. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/89784>. Acesso em 17/07/2024.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FIOCRUZ. **Estudo aponta que taxas de suicídio e autolesões aumentam no Brasil**. 2024. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/02/estudo-aponta-que-taxas-de-suicidio-e-autolesoes-aumentam-no-brasil>. Acesso em 10/07/2024.

FINAZZI-SANTOS, Marcelo Augusto; SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares. **Considerações sobre trabalho e suicídio: um estudo de caso**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. N. 36, p. 71-83, 2011, São Paulo. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbso/a/fr763yxByJP9s6Sj4gfQ9h/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12/04/2024.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2024. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/panorama>. Acesso em 09/07/2024.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Suicídios**. 2024. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/83>. Acesso em 08/07/2024.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Anualmente, mais de 700 mil pessoas cometem suicídio, segundo OMS**. 2022. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms>. Acesso em 08/07/2024.

NASCIMENTO, Rayane Pereira do *et al.* Perfil das vítimas de suicídio necropsiadas no Núcleo de Medicina e Odontologia Legal de João Pessoa-PB. **Revista Brasileira de Odontologia Legal**, v. 6, n. 3, 2019. Disponível em <https://portalabol.com.br/rbol/index.php/RBOL/article/view/258>. Acesso em 15/07/2024.



OLIVEIRA, Elias Teixeira; VEDANA, Kelly Graziani Giaccherro. Suicídio e depressão na população LGBT: postagens publicadas em blogs pessoais. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** p. 32-38, 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762020000400005. Acesso em 10/07/2024.

PARANÁ. **Censo 2022: proporção de pretos e pardos cresce no Paraná e chega a 34,3%.** 2023. Disponível em <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Censo-2022-proporcao-de-pretos-e-pardos-cresce-no-Parana-e-chega-343>. Acesso em 11/07/2024.

SILVA, Lucía. **Suicídio entre crianças e adolescentes: um alerta para o cumprimento do imperativo global.** 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ape/a/M8sNKQBwSTcm7T5NvSxK9gB/>. Acesso em 10/07/2024.

SILVA NETO, Antônio Coelho *et al.* O aumento do número de suicídios durante a pandemia. **Revista de Estudos Multidisciplinares UNDB.** 2023. Disponível em <https://periodicos.undb.edu.br/index.php/rem/article/view/42>. Acesso em 10/07/2024.

SOARES, Camila Gutierrez dos Santos; SCHLINDWEIN, Vanderléia dal Castel. Suicídio e trabalho: uma revisão sistemática da literatura brasileira. **Revista Trabalho (en)cena.** Palmas, Tocantins, 2021.

SOARES, Fernanda Cunha *et al.* Tendência de suicídio no Brasil de 2011 a 2020: foco especial de covid-19. **Pan American Journal of Public Health.** 2022. Disponível em <https://www.scielo.org/article/rpsp/2022.v46/e212/pt/>. Acesso em 10/07/2024.

VENCO, Selma; BARRETO, Margarida. O sentido social do suicídio no trabalho. **Revista Espaço Acadêmico** n° 108. 2010. Disponível em http://assediomoral.org.br/wp-content/uploads/2011/07/Selma_Venco_e_Margarida_Barreto_-_O_sentido_social_do_suicidio_no_trabalho_1_.pdf. Acesso em 12/07/2024.

WHO, World Health Organization. **Suicide worldwide in 2019:** global health estimates. 2021. Disponível em <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643> . Acesso em 08/07/2024.